

FRANCISCO, UM SOL

(Texto teatral de Adélice Souza)

Adélice Souza

Travessa dos Barris, 33, Barris, 40070070

Salvador-Bahia

www.adelicesouza.blogspot.com

71-33297410 e 71-99414901

adelicesouza@oi.com.br

OUTUBRO - 2009

“Nessa encosta, onde é já bem declinante
o seu pendor, um outro Sol Nasceu,
como este quando do Ganges levante.
Portanto, quem citar o berço seu,
não diga Assis, que seria carente,
mas diga Oriente, que bem escolheu”

Dante Alighieri (A divina comédia – Paraíso, canto XI)

FRANCISCO, UM SOL

De Adeline Souza

Para o espetáculo de formatura de Maicon Alisson

PERSONAGENS:

ATOR FILHO, também interpreta Francisco

ATOR PAI, também interpreta o pai de Francisco – Bernadone –, Divini e o Papa Inocêncio III.

ATRIZ MÃE, também interpreta a mãe de Francisco – Maria.

ATRIZ FILHA, também interpreta Clara e Veronique.

ATOR EMPREGADO, também interpreta Bernardo, o Homem e todos os frades franciscanos.

A peça acontece num palco onde há uma escada velha de madeira (que servirá de palácio, igreja, torre, montanha, colina, etc.) e uma carroça. Um imenso sol ao fundo. O sol também pode ser uma pintura ou painel nas laterais da carroça, que também servirá de palco para a apresentação da peça sobre o santo Francisco de Assis.

SUMÁRIO

- CENA 1. A IRMANDADE – A chegada dos atores
- CENA 2. O IRMÃO MUNDO – O mundo profano
- CENA 3. O IRMÃO HOMEM – O leproso
- CENA 4. A IRMÃ GUERRA – O teatro
- CENA 5. OS IRMÃOS PÁSSAROS –O canto
- CENA 6. O IRMÃO VENTO – Despe-se das vestes
- CENA 7. OS IRMÃOS MENORES – Os frades franciscanos
- CENA 8. A IRMÃ LUZ – A Igreja de São Damião
- CENA 9. A IRMÃ FLOR – Clara
- CENA 10. A IRMÃ MULHER – O beijo
- CENA 11. A IRMÃ LUA E O IRMÃO FOGO – A Oração da paz
- CENA 12. O IRMÃO JUMENTO – O corpo e a fome
- CENA 13. O IRMÃO LOBO – O lobo de Gubbio
- CENA 14. O IRMÃO TROVÃO – O trovador Divini
- CENA 15. O IRMÃO SANTO – O Papa Inocência III
- CENA 16. A IRMÃ DOR – A cegueira
- CENA 17. O IRMÃO CRISTO – Os estigmas
- CENA 18. O IRMÃO SOL – O cântico ao sol
- CENA 19. A IRMÃ MORTE – A vida eterna

FRANCISCO, UM SOL

CENA 1: A IRMANDADE

(Os atores entram felizes, tocando instrumentos e fazendo pantomima)

ATOR PAI: Nós somos agora os seus atores. Não somos mais Marcos, nem João, nem Bernardo. Somos o que a fantasia poderá produzir nos seus corações. E viemos trazer para vocês uma singela representação. Não queremos apenas o seu aplauso, queremos que a nossa energia se misture com a sua

ATOR FILHO *(enquanto corre de um lado para outro montando o espaço da representação junto com o ATOR EMPREGADO)*: Nós somos a IRMANDADE DA ORDEM MAIOR DO TEATRO PROVENÇAL. Maior porque somos atores, belos, altos, ricos...

ATRIZ MÃE *(repreendendo o filho)*: Porque somos os seus maiores servos pra mostrar um teatro de maior beleza, de maior encanto, um teatro de maior grandeza, como o sol.

ATRIZ FILHA: E somos uma irmandade por que viajamos juntos, em família, rumo a Paris.

ATOR EMPREGADO: Provençal, serviçal, com pouca comida e ainda sem sal. Por isso, se nossa história agradar, aceitamos tudo que quiser nos dar.

ATOR FILHO: Podem até nos dar palavras, como Sucesso, Glória, Aplauso, Dinheiro.

ATOR PAI: Amor.

ATRIZ MÃE: Oração.

ATOR FILHO *(à atriz filha)*: Tens dúvida?

ATRIZ FILHA: Não, dúvida é uma palavra que não mora em meu coração. (Ao público:) Viagens!

ATOR FILHO: E eu, que digo? Pão. Sou um agregado neste ofício para vos contar a história de São Francisco.

ATOR PAI: Eu serei o pai de Francisco, mas também Divini e até o Santo Papa.

ATRIZ MÃE: Eu, a mãe de Francisco e outras mulheres de ocasião.

ATRIZ FILHA: Eu serei Veronique, a cortesã e também Clara, a santa.

ATOR EMPREGADO: Eu serei todos aqueles que não foram falados anteriormente. Serei tantos que vocês poderão até se confundir. Na dúvida, é melhor rir.

ATOR PAI: Queremos sentir os corpos dos homens e das mulheres tremerem e rodarem em uníssono com o nosso, para assim criarmos juntos, um mundo de real poesia.

ATOR FILHO: Pois na vida vocês mudam de corpos como nós, atores, mudamos de roupas. Agora sou Francisco.

CENA 2: O IRMÃO MUNDO

(Armam uma grande mesa para um banquete)

FRANCISCO: Eu gosto de comer!

BERNARDO: Então façamos um brinde à comida!

BERNADONE: Então não façamos um brinde, meu filho! A melhor forma de brindar à comida é comendo! E comendo muito!

FRANCISCO: Então façamos um brinde ao vinho. E bebamos!

VERONIQUE: Assim é que se comporta o nobre Francisco? Somente o vinho merece um brinde?

BERNARDO: Um brinde às mulheres!

FRANCISCO: Um brinde às mães, às filhas e às mães que aquelas filhas um dia serão!

MARIA: Francisco, meu filho, porque não dorme um dia mais cedo para acordar disposto e honrar o dia em nome de Jesus? Ultimamente eu só lhe vejo durante a noite, Francisco.

FRANCISCO: A noite é uma dama escura cheia de encantos, algo me puxa para a escuridão, minha mãe.

MARIA(*Olhando para Veronique*): Eu sei bem qual é a escuridão da noite que lhe chama. Deus seja louvado, meu filho, e que um dia você se canse desta vida dissoluta.

VERONIQUE: Francisco, meu franguinho preto, encha mais a minha taça, mon cherry. Vou para a rua com os outros. Aqui, nem todos apreciam a minha presença.

FRANCISCO: Amigos, podem ir na frente, vou pegar uma capa e já estou indo.

ATRIZ FILHA para a ATRIZ MÃE (*fazendo um aparte*): Espero que um dia façamos esta cena com comida e bebida de verdade. Todo dia, nesta cena, bebo água suja com beterraba.

ATOR EMPREGADO: Eu fico olhando aquela mesa e vejo empadões de frango recheados com tomates ao tomilho. Vejo saborosos pernis fazendo piruetas e pantomima no meio dos garfos. Vinhos de Bordeaux como se fossem oceanos inteiros de prazer. Ai, para que eu fui nascer ator?

ATRIZ FILHA: Um ator iniciante, iniciante. Ainda tem muito a aprender, rapazinho, para brilhar em Paris!

(Todos vão, aos poucos, saindo do palco. Francisco está quase deitado no chão, quando olha ao seu redor e percebe que não há mais ninguém. Levanta-se, pega a capa e caminha pela rua, ainda sob o efeito do banquete)

FRANCISCO: Onde estão todos? Onde estão todos? *(E corre.)* Bernardo! Veronique! Amigos, onde estão?

CENA 3: O IRMÃO HOMEM

FRANCISCO (*enquanto corre em círculos ao redor do homem durante toda a cena*): Quem é você?

HOMEM (*parado no centro do palco, seguindo Francisco com os olhos, enquanto dá voltas no próprio eixo, sem sair do seu ponto jamais*): Uma criança, Francisco.

FRANCISCO: Mas não parece uma criança. E como sabe o meu nome? É um deus?

HOMEM: Nem sempre se é o que se parece. Eu posso ser uma mulher.

FRANCISCO: O que me parece é um homem.

HOMEM: Também sou um homem.

FRANCISCO: E que homem é você?

HOMEM: Um rei.

FRANCISCO: Mas não vejo a coroa.

HOMEM: Então sou um mendigo.

FRANCISCO: Mas não vejo a tua fome.

HOMEM: A morte escondeu minha fome. Sou esta morte.

FRANCISCO: A morte eu não sei como é. A morte que eu vejo é uma morte igual para todas as pessoas.

HOMEM: Igual para todas as pessoas deve ser o amor.

FRANCISCO: Então você é um santo!

HOMEM: Sou um homem com dores no corpo, com marcas no corpo.

FRANCISCO: Eu carrego pedras no espírito. Procuo um coração para destruir estas pedras.

HOMEM: Então me abraça!

(Neste momento, Clara entra no palco, atravessando o corpo de Francisco, fazendo-o parar de correr. Ela o pára e coloca Francisco nos braços do homem. Eles se abraçam fortemente)

FRANCISCO: Que homem é você?

HOMEM: Um leproso.

(Francisco afasta-se bruscamente, olha nos olhos do homem, ambos giram agora num círculo pequeno sem afastar os olhos um do outro. Francisco assustado, corre, corre, corre, tempos depois, pára, cansado)

FRANCISCO: Então você é meu irmão!

CENA 4: A IRMÃ GUERRA

(Amanhece. Em frente à loja de tecidos, o pai expõe os mais bonitos tecidos. Francisco está num canto, pensativo, enquanto todos comercializam várias especiarias pela rua.)

ARAUTO: Todos os jovens da cidade de Assis estão convocados a lutar pela província no território de Perúgia. A vestir sua armadura e levantar o seu escudo em honra a seu povo.

FRANCISCO: Pai, já decidi: vou para a guerra!

VERONIQUE: Está brincando com a gente, não é, Francisco? Você é o rei dos banquetes. Como é que vai sobreviver no meio da guerra?

BERNARDONE: Meu filho, pensei que você tocaria os meus negócios com os tecidos e seria como eu: o maior comerciante de Assis. Mas terei o prazer de lhe dar a mais bela armadura para ver a sua vitória nos campos de batalha.

MARIA: E eu tinha tanta esperança que você seguisse a vida monástica.

UM EMPREGADO DA LOJA: Eu também quero ir para a guerra.

BERNARDONE: Quem lhe chamou na conversa? Vá para os fundos trabalhar, que temos ainda muitas encomendas para tingir os tecidos.

FRANCISCO: Aconteceu uma coisa estranha ontem. Não sei se ouvi vozes ou se foi uma visão. Não sei se foi efeito do vinho, ou se foi um aviso. Mas acredito que eu precise ir para a guerra lutar pelos homens e criar uma nova ordem.

MARIA: Ô, meu filho, eu tenho tanto medo do que possa lhe acontecer. Eu sonhei outra coisa para você.

FRANCISCO: Não me acontecerá nada. Serei um vencedor e terei medalhas no peito.

BERNARDONE: E depois retornará vitorioso para seguir os negócios do pai e ser um homem muito poderoso e rico.

ATOR PAI *(Desmontando a personagem de Bernardone, pai de Francisco)*: Vamos parar o ensaio, esta cena não está boa. Assim não fica bem. Não é desta forma que quero mostrar esta passagem.

ATOR FILHO: Já decidi como será a cena da guerra?

ATOR PAI: Não haverá a cena da guerra. Quero contar a história de Francisco sem lutas, sem batalhas.

ATRIZ FILHA: Mas como o público saberá deste fato da vida dele?

ATOR PAI: Mas porque mostrar exatamente isto, se depois o mesmo Francisco descobriu que a guerra não era o caminho?

ATRIZ MÃE: Podemos fazer uma cena onde a mãe de Francisco reza com as irmãs sofrendo pela distância do filho.

ATOR FILHO: Seria uma cena pacífica demais.

ATRIZ MÃE: Mostrará a fé de Maria, que apoiou e rezou por todas as difíceis escolhas de Francisco.

ATRIZ FILHA: E se a gente colocar Clara comentando com o pai que o jovem Francisco foi a guerra? Era uma forma de apresentar logo a personagem.

ATOR FILHO: Para de querer colocar Clara em todas as cenas. Esta peça não é Clara, uma lua. É Francisco, um sol.

ATRIZ FILHA: Eu só estava dando uma sugestão. Pai, quando formos a Paris quero fazer uma peça onde serei a protagonista.

ATRIZ MÃE: Mas não seria importante mostrar que ele foi para a guerra e ouviu vozes lhe dizendo para servir a outro mestre?

ATOR FILHO (*Mostrando os dotes com a espada*): Eu preferia a cena da guerra, cabeças rolando, sangue, uma luta de sobe-escadarias-desce-escadarias, seria um espetáculo!

ATOR EMPREGADO: Entre a cena que ele decide ir para a guerra e a cena que ele dá uma de louco e entrega tudo para o povo, eu apareço no palco e conto a história.

ATRIZ MÃE: Mais respeito com São Francisco. Ele não dá uma de louco entregando suas coisas ao povo, ele está se unindo com a mãe pobreza, sua grande aliada.

ATOR EMPREGADO: Desta mãe eu entendo, mas não é minha aliada, não. Creio em Deus Pai.

ATOR PAI: Esta idéia dele é boa: assim contaríamos o que aconteceu sem o público presenciar uma cena de guerra numa peça sobre paz. E depois emendaríamos com a cena dos animais.

ATOR FILHO: A cena da guerra tem teatralidade, movimento, energia, paixão.

ATOR PAI: Filhos, escutem uma coisa: nossa luta no teatro é inglória, mas não é uma guerra, é um luta por aquilo que acreditamos. Eu também quero falar sobre nós através de Francisco. Para que serve o teatro senão para espelhar nossas vidas? Filha, você não é a protagonista e isso não importa, porque sem você a peça não teria sentido. E é este sentido que importa. Falar de Francisco é falar que o mundo está precisando de mais paz. Pax Et Bonum. Mostrar cenas de guerra não acrescentará em nada nossa peça.

(Entra o ATOR EMPREGADO e faz uma cena cômica, com pantomima e clown. Os outros atores podem ou não participar ilustrando a narrativa)

ATOR EMPREGADO: Assim, aos 20 anos, Francisco pegou o seu cavalo, pocotó, pocotó, escudo e armadura e entrou na guerra entre Assis e Pérúgia. Ao partir, disse: serei consagrado cavaleiro. Foi ferido e feito prisioneiro. Passou um ano em um calabouço, sofrendo como um condenado – literalmente – e lá contraiu malária. Resgatado por seu pai, voltou a Assis mais reflexivo. Ainda assim, o desejo de lutar pela "justiça" através das armas não o abandonou. Quando soube das vitórias militares do Conde Walter, voltou a querer ser um cavaleiro. A caminho de juntar-se ao Conde Walter, Francisco parou em Spoleto e ouviu as notícias da morte do Conde Walter. Ficou deprimido, a malária retornou. Uma noite, uma voz misteriosa perguntou a ele: **"Quem você pensa que pode melhor recompensar você, o Mestre ou o empregado?"** *(neste momento da cena, brincar com a questão de que o ator que fala o texto é exatamente o empregado)*. Francisco respondeu: "O Mestre." A voz continuou, **"Então por que você deixa o Mestre pelo empregado?"** Francisco percebeu que o empregado não era eu, era o Conde Walter. E quem era o mestre? Não era o Bernardone. O mestre era Deus. Ele deixou Spoleto seguro de que Deus havia falado com ele. Durante os próximos dois anos Francisco sentiu uma força interna que o estava preparando para uma mudança. Mas continuou doente, de cama, sua mãe o paparicava e o pai, desconfiava dele. E como sempre ouviu vozes que lhe mostravam caminhos, passou também a ouvir as vozes dos animais.

CENA 5. OS IRMÃOS PÁSSAROS

(Francisco está deitado numa cama, e de uma janela de onde vem o sol, ele avista alguns pássaros. Os pássaros são feitos através de teatro de marionetes, vemos as faces dos atores que manipulam. O palco se transforma num belo jardim. Há uma imensa grama bem verdejante.)

PÁSSARO UM: Francisco, quanto tempo permanecerá doente?

PÁSSARO DOIS: Há muita coisa a ser construída, Francisco. E você dorme...

FRANCISCO: Eu não durmo, eu não consigo dormir, eu tenho pesadelos, há pedras nos meus sapatos. E quando eu tiro os sapatos, sinto gastura dentro das meias.

PÁSSARO TRÊS: Então anda como nós, Francisco, descalço. Para aprender a voar.

FRANCISCO: Mas eu sinto muitas dores no corpo, estas roupas pesam em cima dos meus ombros.

PÁSSARO UM: Então se veste como nós, Francisco, de esperança. Para aprender a acreditar.

FRANCISCO: Eu sinto uma dor no peito, eu não sei o que fazer. Eu penso em ficar deitado a vida inteira para encontrar uma maneira. Mas eu não sei como posso servir aos homens.

PÁSSARO DOIS: Então fala como nós, Francisco, pelo canto. Para aprender a linguagem de Deus.

OS PÁSSAROS CANTAM:

É manhazinha e o sol já vem, irmão

Tem tudo e nada tem, tem não

Se é meu irmão

O Senhor é pai de todos nós.

Se é meu irmão

Nunca ficará a sós.

CENA 6: O IRMÃO VENTO

(Todos entram em cena e em seu decorrer, vão tirando a roupa de Francisco, que é uma soma de belos tecidos sobrepostos em várias cores vivas. São metros e metros de tecido que cada ator vai tirando por pedaços distintos de cima do corpo de Francisco, despindo-o das ricas vestes.)

FRANCISCO *(enquanto se posiciona no centro do palco, girando como um dervixe em volta de si mesmo e todos os outros atores o despem de camadas e camadas de belas estampas que estão enroladas no seu corpo)*: Venham, venham todos que eu quero dar tudo o que tenho. De nada mais me vale vestir o corpo de tantas fazendas se minha alma permanecer com camadas de sujeira e pó.

PAI: Francisco, você está louco.

FRANCISCO *(Para o povo)* : Para ser ouvido por Deus quanto menos acessórios, melhor. Venham, fiquem com tudo. *(Para o pai)* A verdade anda nua, meu pai, vestida apenas de vento, este véu invisível de beleza

PAI: Você não pode dar o que não é seu!

MÃE: Tudo o que temos também é do nosso filho, Bernardone.

PAI: Os tecidos, não. Os tecidos são meus.

FRANCISCO: Pai, nada é nosso. Nem mesmo o nosso nome. Meu nome é Francisco e não é Francisco. Meu nome podia ser João, como quis a minha mãe. Um nome é apenas uma casca. A alma é que serve a Deus. Eu habito agora nesse novo corpo, sem nome, sem luxo nem glória. Só a glória divina, que a tudo inunda.

PAI: Mas os tecidos são todo o meu ouro, minha riqueza.

FRANCISCO: Pai, vem comigo para outra riqueza. *(Olha para o alto e no céu, muitos pássaros)* A riqueza dos pássaros. Pássaros, agradecei a Deus a liberdade de voar por toda parte. Deus os alimenta com sementes e dá as águas das fontes para sua sede. E ainda as altas montanhas para seu abrigo e as belas árvores para o seu ninho. E como vocês não sabem fiar nem costurar tecidos, Deus os veste com belas penas tão puras quanto os lírios do campo.

MÃE: Meu filho!

FRANCISCO: Não chore, minha mãe! Os pássaros agradecem a Deus cantando.

MÃE: Eu não choro, meu filho. São apenas lágrimas que escorrem de algum lugar lá de dentro que transborda. *(Canta)*

Eu choro apenas

Mas não sou sozinha

Tenho Deus, me senhor

Na camarinha

PAI: Ele está louco. Vocês estão loucos. Você não é mais o meu filho, Francisco. Eu grito diante deste tribunal de homens, eu digo: esse louco não é mais o meu filho.

FRANCISCO: Eu sou o seu filho, Bernardone. Mas também não sou o seu filho. Você tem razão, esta riqueza não é minha. Eu sou o mesmo vestido de ouro ou carvão. Retornarei à minha casa, à casa do meu outro pai. E viverei assim, como um mendigo. Que receberá, em troca de palavras, outras palavras e também o pão. *(É despido inteiramente e sai, fazendo gestos de vôo com as duas mãos)* Eu serei um mendigo de palavras: pássaro, pássaro, pássaro, pássaro, pássaro.

CENA 7: OS IRMÃOS MENORES

FRANCISCO: Quem é?

BERNARDO: Sou Bernardo, um rico comerciante, quero ser teu irmão.

FRANCISCO: Deixa todas as tuas coisas na estrada. E me acompanha só com o coração.

(Cantam a Canção do Burel):

“MAIS UM IRMÃO NO CAMINHO

DO ALEGRE MENESTREL

CARREGA O AMOR DESSE MUNDO

E NO CORPO, O SEU BUREL”

FRANCISCO E OS FRADES: Vamos amar um pouco mais!

POVO: Loucos! Maltrapilhos!

FRANCISCO: Quem é?

PEDRO: Sou Pedro, vigário de São Nicolau, quero ser teu irmão.

FRANCISCO: Seja bem-vindo, ó amigo, aqui pode pregar o seu sermão

(Cantam):

“SÃO DOIS IRMÃOS NO CAMINHO

DO ALEGRE MENESTREL

CARREGA O AMOR DESSE MUNDO

E NO CORPO, O SEU BUREL”

FRANCISCO E OS FRADES: Vamos amar um pouco mais!

POVO(*Mulheres*): Loucos! Socorro! Socorro!

FRANCISCO: Quem é?

EGÍDIO: Sou Egídio Lenhador, e quero trabalhar para o amor.

FRANCISCO: Usa o teu machado, Egídio, não para cortar árvore e sim, a dor.

(Cantam):

“SÃO TRÊS IRMÃOS NO CAMINHO

DO ALEGRE MENESTREL

CARREGA O AMOR DESSE MUNDO

E NO CORPO, O SEU BUREL”

(A canção prossegue trocando apenas o número dos irmãos até chegar em doze, intercalando cada pequeno diálogo entre eles. A integração de cada um à Irmandade se dá pela vestimenta do burel durante a canção)

FRANCISCO E OS FRADES: Vamos amar um pouco mais!

POVO: Mendigos! Pedintes!

FRANCISCO: Quem é?

MORICO: Sou Morico, era um lazarento e fui curado esta manhã.

FRANCISCO: Una-se a nós e não se preocupe com o dia de amanhã.

FRANCISCO E OS FRADES: Vamos amar um pouco mais!

POVO: Lazarentos! Feiticeiros!

(Canção do burel)

FRANCISCO: Quem é?

SABATINO: Sou Sabatino, busquei nos livros toda a sabedoria.

FRANCISCO: Vem conosco, agora. E busca no coração toda a harmonia.

FRANCISCO E OS FRADES: Vamos amar um pouco mais!

POVO: Sujos! Infames

(Canção do burel)

FRANCISCO: Quem é?

JOÃO: Sou João, filho do homem mais avarento de Assis. Deixo todas as minhas riquezas, fico apenas com o chapéu

FRANCISCO: Bem-vindo, Irmão Chapéu. Ele rima com o burel.

FRANCISCO E OS FRADES: Vamos amar um pouco mais!

POVO(*Homens*): Ladrões! Bandidos! Roubaram o meu filho!

(Canção do burel)

FRANCISCO: Quem é?

FILIPO: Sou Filipo, tão grande que pareço um poste de iluminação.

FRANCISCO: Venha Felipo, trazer luz em toda a sua vastidão.

FRANCISCO E OS FRADES: Vamos amar um pouco mais!

POVO: Malucos! Ambiciosos!

(Canção do Burel)

FRANCISCO: Quem é?

ANGELO: Sou um Cavaleiro de capa e espada.

FRANCISCO: Me acompanha e eu te farei cavaleiro do exército de Cristo Nosso Senhor.

FRANCISCO E OS FRADES: Vamos amar um pouco mais!

POVO: Traidores da pátria!

(Canção do Burel)

FRANCISCO: Quem é?

JOÃO: Um segundo João, também como tu, Francisco.

FRANCISCO: E alguns outros ainda serei até finalmente ser luz.

FRANCISCO E OS FRADES: Vamos amar um pouco mais!

POVO: Hereges!

(Canção do Burel)

FRANCISCO: Quem é?

BERNARDO: Sou Bernardo. E tal qual João, também sou Francisco!

FRANCISCO: Então também sou Bernardo e João, meu irmão.

FRANCISCO E OS FRADES: Vamos amar um pouco mais!

POVO: Loucos! Doidivasas!

(Canção do Burel)

FRANCISCO: Quem é?

BARBERO: Sou Barbero, para que sejamos doze.

FRANCISCO: Eis então a minha legião. Como eu os amo, irmãos!

FRANCISCO E OS FRADES: Vamos amar um pouco mais!

POVO: Mentirosos! Enganam as dores!

(Canção do Burel)

FRANCISCO: Agora somos 12, como os apóstolos. De modo que vivamos como viveu Jesus. Ele é o 13º, pois pregou que onde estivessem pessoas reunidas em seu nome, ali ele estaria. *(Pega um papel em suas mãos ou apenas faz um gesto com as mãos, livremente)*. Esta é a nossa lei. Só vamos falar daquilo que podemos fazer. Se todos pedem a bênção do papa para acreditarem em nós, então lá vamos nós, pedir a bênção ao Santo Padre. Que a árvore se torne o que a semente sonhou!

CENA 8: A IRMÃ LUZ

(Todos cantam enquanto reconstróem a igreja, colocando argamassa e pedras num muro)

CANÇÃO DA LUZ

São Damião mandou fazer

Sua igrejainha enfeitada de cruz

Minha casa está em ruína, ó Francisco

Luz! Luz! Luz!

São Damião mandou dizer

Palavras bonitas vindas de Jesus

Restaura a igreja pra mim, ó Francisco

Luz! Luz! Luz!

CENA 9: A IRMÃ FLOR

(De longe, Clara ouve a canção, que vai diminuindo lentamente)

CLARA *(andando, falando ao nada, com uma flor nas mãos)*: Aconselha-me senhor. Sou como esta flor cheia de espinhos, e exatamente por ser flor, não quer ter espinhos. Deseja apenas ser perfume. Ainda mais bela que a flor, minha beleza mora por dentro. È uma semente. Um gérmen. *(Aproximando-se de Francisco)*: Eu buscava e não sabia o que buscava, Francisco. Ouço o seu canto e compreendo *(À tia, que a acompanhava)* Minha querida tia, vai, e fala ao meu pai que não voltarei mais.

FRANCISCO: É isso mesmo que deseja, Clara?

CLARA: Mais do que o meu próprio desejo, Francisco.

(Clara se despe das belas roupas e todos lhe vestem o burel, cantando num ritmo mais lento que o anterior da canção)

“É UMA LINDA IRMÃ NO CAMINHO

DO ALEGRE MENESTREL

CARREGA O AMOR DESSE MUNDO

E NO CORPO, O SEU BUREL”

CLARA: Eu só quero amar, Francisco. Não amar um homem ou um pai ou um filho. Mas amar a todos, amar ainda um pouco mais do que o próprio amor.

(Enquanto continuam cantando baixinho, Francisco tira as sandálias de Clara e molha levemente a sua cabeça)

CLARA: Sinto que tudo que é amargo se converte em doçura. De pés descalços a mãe terra me acolhe enquanto a mãe água me banha e me batiza perante o firmamento. Agora, neste instante, não preciso de mais nada, Francisco. Seria soberba dizer que sou eu, neste instante, a mulher mais feliz do mundo?

FRANCISCO: É a primeira mulher que se une a nós, Clara. Para ti, fundarei uma nova ordem. Será a mais linda flor do nosso jardim. E todos os dias, precisará lutar com a vaidade, este espinho que desejará crescer nos teus ramos.

CENA 10: A IRMÃ MULHER

ATRIZ FILHA: Não poderá me beijar, já sabe, não é? Sou tua irmã. E isto não é nada animador. E vê se pára de ficar cuspinho em minha cara. Tenho nojo de cuspe.

ATOR FILHO: Ô, Maninha, mas é um cuspinho de nada.

ATRIZ FILHA: Tenho nojo. E ainda tem mais: seus dentes fedem. Quanto tempo este corpo não vê água?

ATOR FILHO: Até que o corpo vê. O que ele não está é sentindo. Olha, minha irmã, a platéia adora beijo. E encostar os meus lábios nos teus não faz mal algum. Meus lábios não são sujos. Nem é sujo o meu coração. Tudo isto é implicância sua porque eu não entreguei a carta ao jovem mancebo de roupas delicadas...

ATRIZ FILHA: É, não entregou. Não entregou e não terá beijos.

ATOR FILHO: Eu bem sei de quem você quer os beijos. O pai é que não gostará de saber.

ATRIZ FILHA: O pai não gostará de saber e nem saberá, não é mesmo?

ATOR FILHO: Tudo depende desta cartinha pitoresca e preciosa. Beijo de Clara em Francisco, público nos ofertando toda a sua simpatia e encantos (*faz gestos de dinheiro com as mãos*) e a cartinha será entregue nas mãos do nobre francês enamorado. Sem beijos, nada feito. E a cartinha pode parar na mão do pai da rapariga.

ATRIZ FILHA: Você não faria isso. Fique quieto, o pai está perto.

ATOR FILHO: Pai, a peça é sobre amor. Nada de mais se mudarmos um pouco o roteiro e colocássemos mais fervor nesta cena entre Clara e Francisco.

ATRIZ MÃE: Eu estou ouvindo, viu? E não acho correto vocês se beijarem. Vocês são irmãos. E ainda mais do que isso: não podemos transformar o amor de Francisco num amor vulgar. Isso é contra o princípio da Santa Igreja, meu filho.

ATOR FILHO: Mas totalmente a favor dos princípios do teatro, minha mãe. Em Abelardo e Heloísa, na cena do beijo, comemos até patê de fígado de ganso. Foie Gras.

ATOR PAI: Mas Abelardo e Heloísa eram amantes. Clara e Francisco são dois santos.

ATRIZ MÃE: Porque é que não conseguimos ver pureza em nada? Porque é tão difícil vocês imaginarem que Clara e Francisco sublimaram este amor carnal, embora tenham se amado demais? Não pode ter beijo na cena porque nós acreditamos, seu pai acredita, que esse amor foi assim.

ATRIZ FILHA: Isso, mãe. O amor deles não foi maior nem menor do que os outros, Francisco, foi apenas assim. Em outros amores, há beijos, nesse não há beijos.

ATOR FILHO: Clara era linda, será que Francisco não teve nenhuma vontade? *(A mãe o repreende com o olhar)* Só estou estudando a personagem.

ATRIZ FILHA: Eu sou contra o beijo.

ATOR FILHO: Eu sou a favor. 2 a 1. Tenho mais gente comigo (mexe nos braços do Empregado). Você concorda, não é?

ATOR EMPREGADO *(falando erroneamente a pronúncia)*: Foie Gras? Concordo.

ATOR PAI: Eu sou contra. Sua irmã e sua mãe também. 3 a 2. E eu quero ver quando todas as cenas forem colocadas em votação. O teatro vai virar uma balbúrdia. Filho, devemos mostrar no teatro a verdade que acreditamos. Esta peça foi uma escolha minha, você sabe. Se vamos ganhar muito com ela ou não, isso é o que menos importa. Não morreremos de fome, trabalhamos direito. Se colocarmos Francisco com valores mundanos, não seriam os valores que estariam errados. Não há mal num beijo. Mas aí não seria Francisco, seria outro. E estamos falando de Francisco. Ser ator é também aprender a compreender aquilo que enquanto seres humanos apenas, não compreenderíamos.

ATRIZ MÃE: E vamos parar com isso. Onde é que já se viu ficar apostando que tal cena vai acontecer assim ou assado. Vai acontecer o que deve acontecer e acabou.

ATOR PAI: Como diz sua mãe: *Je suis tres fatigue* com esta conversa. Você já sabe o que deve fazer, meu filho.

ATOR EMPREGADO: Se a gente não se arrumar depressa, não vai ter é cena hoje. O público já vem chegando. Vamos!

CENA 11: A IRMÃ LUA E O IRMÃO FOGO

(Francisco e Clara andam juntos pelo palco como se tivessem num bosque e param na Igreja.)

FRANCISCO: Hoje nossa mesa está farta. Nossos homens, sabendo da sua visita, foram pedir pães, frutos e flores na cidade e todos nos presentearam com tanta coisa, que ficaremos cerca de um mês sem precisar de mais alimento.

CLARA: Eu só tenho que agradecer a Deus por tanto zelo. Obrigada, irmãos.

FRANCISCO: E ontem eu preguei sobre o jejum.

CLARA: Aprendi contigo que sou forte e sadia, Francisco. E que posso sustentar o meu corpo e o meu espírito com o mínimo possível.

JOÃO: Sim, temos que domesticar esse corpo, nosso irmão jumento. Mas eu ainda não aprendi, Francisco. Ai, que fome! *(Pega a única banana que está no cesto de frutos no meio de um grande ramo de flores e sai)*

FRANCISCO: O irmão tem dificuldade com o jejum. Gosta muito de comer. O que eu queria é que todos pudessem aprender com o nosso exemplo. De ter como teto o firmamento e nada mais ligado a nós a não ser a fé.

CLARA: Cada um tem o seu limite, Francisco, o limite do irmão é a não segurar a vontade do alimento.

FRANCISCO: Assim, a ordem fraqueja, Clara.

CLARA: Sempre existirão novas ordens, cada uma de acordo com o seu tempo.

FRANCISCO: Eu sinto amor pelas coisas que você diz, Irmã Clara.

CLARA: Eu também sinto amor por tuas palavras e por tua alma, Francisco.

FRANCISCO *(fala o texto a Clara enquanto os outros atores, com tochas de fogo, se aproximam deles cantando o segundo trecho da oração)*: Clara, dá-me tua mão. Preciso te contar de um sonho que tive esta noite. Uma legião de anjos cantando em torno de uma grande luz, eu não consigo recordar de tudo ao certo, mas havia um pássaro prateado com asas de cor de chuva que dizia assim: não existe forma de viver o amor individual, Francisco, sem pensar em todos os homens. Ali era o paraíso, Clara e aquele pássaro era Deus. Quando eu me ajoelhei para

saudá-lo, comecei a ouvir o canto mais lindo que já pôde existir. Eu não sei se o canto vinha de fora ou de dentro, Clara, Se ele nascia de dentro de mim, de Deus ou do pássaro:

(Começa Francisco, quase murmurando, profundamente invadido por um estado de amor)

Senhor,
Fazei de mim um instrumento de vossa paz!
Onde houver ódio, o amor,
Onde houver ofensa, o perdão.
Onde houver discórdia, a união.
Onde houver dúvida, a fé.
Onde houver erro, a verdade.
Onde houver desespero, a esperança.
Onde houver tristeza, a alegria.
Onde houver trevas, que eu leve a luz!

(Todos os atores entram no palco, cantando ao redor de Francisco e Clara com várias tochas, como um imenso fogo, um imenso sol)

Ó Mestre,
faça que eu procure mais.
Consolar, que ser consolado.
Compreender, que ser compreendido.
Amar, que ser amado.
Pois é dando, que se recebe.
Perdoando, que se é perdoado e
é morrendo, que se vive para a vida eterna!

ATOR PAI *(em trajes medievais, indo ao proscênio, visivelmente emocionado enquanto todo o palco fica apenas iluminado pelas chamas das tochas dos atores)*: E falando de amor e paz, Francisco e Clara conseguiram iluminar de tal forma o lugar, que, enquanto anoitecia e a lua cheia brilhava no firmamento, aqueles que estavam na cidade próxima, em Assis, juravam que, na pequena aldeia, um fogo se alastrava. O amor é a combustão da vida. É fogo misturado com água. O amor é o nosso desejo mais verdadeiro e profundo que se manifesta neste mundo: o teatro, um filho, uma planta, uma dança, um pássaro, um santo, um deus.

CENA 12: O IRMÃO JUMENTO

ATOR FILHO: Pois, assim estamos: a cena não teve beijo e nós não tivemos comida. E a única banana que tínhamos, o Empregado comeu. Depois que acabar esta temporada, vamos despedir o Empregado. Uma boca a menos. E assim talvez a gente consiga levar nossa peça pra Paris. Lá, as pessoas nos respeitarão, nos agradarão.

ATRIZ FILHA: Onde já se viu isso? E se o empregado for embora, quem representará os outros frades em Paris?

ATRIZ MÃE: Vocês só pensam em Paris, em Paris.

ATOR FILHO: Retiramos os frades, colocamos Francisco sozinho, na caverna, meditando apenas.

ATRIZ FILHA: Você está louco. Não podemos mudar a peça toda.

ATOR FILHO: Podemos, sim.

ATRIZ MÃE: Filhos, vocês nasceram juntos, da mesma barriga e são iguais e tão diferentes. Esta peça é especial para mim. Quando vocês nasceram, escutem bem, e isso será um segredo nosso: eu pensei que vocês eram a lua e o sol que nasceram de dentro de mim. A lua e o sol. Os dois irmãos gêmeos. Por isso acho tão bonito quando você se veste de Francisco, meu filho. È como se vocês dois se vestissem do amor que eu senti quando vocês nasceram. Por isso, eu peço: parem de brigar por tudo e qualquer coisa.

ATOR PAI: O que é que vocês dois querem aqui na bainha da saia da mãe? Porque não vão ensaiar a cena final que ainda não está pronta.

ATRIZ MÃE: Eu estava lembrando de quando eles nasceram.

ATOR PAI: Naquela época você interpretava a Nossa Senhora, lembra? Era muito bonito. Ver você cheia de graça.

ATOR FILHO: Mas estou cansado e com fome, vou dormir.

ATRIZ FILHA: Também estou cansada e com fome.

ATRIZ MÃE: Pelo menos nisso, vocês concordam.

EMPREGADO: Também estou cansado e com fome.

ATOR FILHO: Ninguém lhe perguntou nada. Você vai me pagar aquela banana!

ATOR PAI: Vão dormir todos. Amanhã acordaremos cedo pra ensaiar

(O pai vai ler um livro com um pequeno lampião. Silêncio no palco. Todos estão dormindo, com exceção do pai, que faz anotações num papel. De repente, o ATOR FILHO dá um grito medonho. Todos o acordem.)

ATRIZ MÃE: Que foi, meu filho?

ATOR FILHO: O estômago, mãe, o estômago.

ATOR PAI: Deve ser fome, meu filho. Ô, meu filho, fique bem, fique bem *(Canta)*

Aqui chegou o passarinho

Com migalhas ao ninho

Canta, canta pobrezinho

Sem migalhas no ninho

ATRIZ FILHA: Eu vou preparar um chá.

ATRIZ MÃE: Já temos muitos dias sem comer.

ATOR PAI: Ainda tenho aquele anel comigo, do meu pai, guardei para uma necessidade, posso vender.

ATRIZ MÃE: Quem é que vai comprar um anel a essa hora?

ATOR PAI: Não sei, mas eu posso tentar.

EMPREGADO: Eu posso ver se consigo alguma coisa, tem algumas tabernas abertas.

ATRIZ MÃE: Nas tabernas só há vinho. Ai, que menino desmiolado.

ATRIZ FILHA: Talvez a dona da taberna tenha pão.

ATOR FILHO: Ai, dói muito, dói muito.

ATRIZ MÃE: Isso não está parecendo estômago, tá parecendo dor nas vísceras e nos rins. Ô, meu filhinho enfermo, que Deus lhe proteja.

ATOR PAI: Eu e sua mãe vamos lhe distrair com aquela história que contamos desde que você era pequenininho e que você tanto gosta.

CENA 13: O IRMÃO LOBO

(Todas as personagens são interpretadas com teatro de marionetes pelo ATOR PAI e a ATRIZ MÃE)

ATOR PAI: Era uma vez, numa pequena província chamada Gubbio... Um grande lobo mau que atormentava crianças e adultos, uivando e atemorizando as pessoas. Um dia, Francisco, da cidade de Ascesi, pai de duas crianças, Capinha Vermelha e Botinha Azul, resolveu conversar com o lobo.

CAPINHA VERMELHA: Pai, quero levar doces para a vovozinha, mas tenho medo do lobo.

BOTINHA VERMELHA: Pai, quero ajudar o vovozinho na colheita, mas tenho medo do lobo.

FRANCISCO: Podem ir sossegados, ele parece um animal feroz, mas não os fará mal.

CAPINHA VERMELHA:

Pela estrada a fora não vou mais sozinha,

Em minha companhia vem o irmão Botinha.

ATOR PAI *(Fazendo onomatopéia de todos os bichos)*: Eis que aparece o lobo mau uivando feito um louco. Havia uma cigarra pendurada no pescoço do lobo e a cigarra começou a cantar a plenos pulmões. Os sapos coaxaram, os cães latiram, os gatos miaram e as crianças correram, correram até não mais poder.

ATRIZ MÃE: Chegou a noite e as crianças ainda não tinham retornado. Os pais ficaram preocupados e saíram para o bosque. A mãe foi na frente, rezando *(Canta um trecho da Ave Maria)*

ATOR PAI: Francisco, o pai, foi atrás, procurando o lobo até perto da selva. Até que o lobo começou a uivar, uivar, uivar, uivar e foi se aproximando de Francisco.

VOZES: Corra, Francisco! Cuidado! O lobo pode te pegar!

FRANCISCO: Irmão Lobo de Gubbio, onde estão os meus filhos que saíram cedo e até agora não retornaram? Imagino que você uive porque tem fome. Aqui tenho pão e algumas frutas. E posso lhe conseguir carne com o povo da cidade. Mas não pode mais assustar nossas crianças.

LOBO DE GUBBIO (*uivando*): Tenho fome, Francisco. E Capinha Vermelha trazia doces. Sou um lobo sem dentes, não gosto de carne. Mas quando chego perto, todos saem correndo. Capinha Vermelha e Botinha Azul ficaram com medo e se esconderam em cima daquela árvore.

FRANCISCO: Pois a partir de hoje, eu o levarei para a cidade, onde as pessoas lhe darão comida e você prometerá que será obediente e não mais assustará as crianças

LOBO DE GUBBIO: Dou a minha palavra, Francisco. Me sinto muito só neste bosque. Quando eu uivo, penso que estou cantando e isso me alegra. Por isso, gosto de uivar para as crianças. Para ver se as elas querem cantar e brincar comigo.

FRANCISCO: As crianças não aprenderam a brincar com lobos. Terá que cantar com a tua amiga cigarra, que carrega pendurada no pescoço. Houve um tempo que os animais e os deuses e os homens viviam juntos e conversavam. Mas este tempo ficou bem distante.

LOBO DE GUBBIO: Em algumas noites, quando eu sentir falta do meu irmão, uivarei bem alto para meu canto chegar até a cidade.

ATOR FILHO E ATRIZ FILHA (*em coro, rindo*): E sabem o que aconteceu com a cigarra?

ATOR PAI E ATRIZ MÃE (*também rindo, e finalizando a apresentação*): Uniu-se ao lobo, formaram uma dupla musical e apresentaram suas canções em todas as florestas da Itália.

ATRIZ FILHA: E um dia foram até Paris!

ATOR FILHO: E comeram croissant com Foie Gras!

(*ATOR FILHO E ATRIZ FILHA aplaudem muito, rindo e se confraternizando. Neste momento, entra o ATOR EMPREGADO*)

ATOR EMPREGADO: Nos ofertaram este pão. E também com um pouco de vinho.

(*Todos felizes, sentam-se em círculo e comem do mesmo alimento e bebem da mesma taça*)

CENA 14: O IRMÃO TROVÃO

DIVINI (*À sua irmã, com voz cheia de impositação*):

“Beatriz voltou-me o seu divino olhar

De centelhas de amor tão incendiado

Que o não pôde o meu ânimo enfrentar

E os olhos abaixei, quase perdido”

MULHER 1 – É tão bonito tudo o que ele fala, sua poesia, sua forma.

FREIRA 1 – Ele foi coroado Rei da Poesia em Roma

HOMEM 1 – Veio visitar a irmã que mora no convento.

MULHER 1 – E como se veste bem, com sedas e veludos.

HOMEM 2 – Foi celebrado como o maior trovador de sua geração.

FREIRA 2 (*entrando*) – Francisco, nosso irmão, acaba de aportar no nosso convento. O seu destino é chegar em Assis. Mas passará esta noite conosco. Teremos o prazer de ouvir um dos seus sermões.

FRANCISCO: É uma alegria estar convosco. Que o nosso pai me ilumine para que eu possa cantar as palavras Dele.

DIVINI (*Aparte*): Então seremos dois trovadores num mesmo recinto. Mas dois grandes homens não podem ocupar o mesmo lugar no espaço. Portanto, só há um grande homem aqui. E este sou eu.

FRANCISCO (*Voltando-se para as pessoas*): Toda a glória humana vem de Deus. Digno é apenas o senhor de receber o louvor e honra desta glória. Alegra-te, quando estiver cheio de graça, pois o senhor estará contigo.

FRANCISCO (*Voltando-se para Divini*): Um dia, num tempo muito distante, os discípulos estavam disputando um gato.

DIVINI (*Aparte*): Este homem delira: não se criam animais em mosteiros...

FRANCISCO (*Voltando-se para as pessoas*): Então glorioso Deus Altíssimo, iluminaí as trevas do meu coração. E concedei-me uma fé verdadeira, uma esperança firme e um amor perfeito.

FRANCISCO (*Voltando-se para Divini*): O mestre chegou na sala, pegou o gato, levantou-o no ar, pegou um sabre que lhe servia para tirar as cascas das frutas e disse: digam como este gato pode se salvar.

DIVINI (*Aparte*): Mas isto é um absurdo. Um mestre não mataria um gato.

FRANCISCO (*Voltando-se para Divini*): Um monge falou: o gato é meu. Um outro: não mate o gato. O mestre cortou o gato ao meio. À noite chegou um monge que estava viajando. O mestre relatou a história. O monge pegou as sandálias e as colocou sobre a cabeça e saiu, e o mestre disse: se você estivesse aqui teria salvado o gato.

FRANCISCO (*Voltando-se para as pessoas*): Dai-me senhor, o correto sentir e conhecer para que eu tenha a palavra certa a dizer a fim de que eu possa cumprir o sagrado encargo que me destina.

(Durante toda a fala anterior de Francisco, Divini vai alterando a sua reação e fica pasmo, diante do assombro de beleza que as palavras de Francisco vão despertando nele. Todos aplaudem Francisco e apenas Divini vai em sua direção e se ajoelha diante daquele)

DIVINI: Sou um derrotado, Francisco.

HOMEM 1: Levante-se Divini, quero apresentar-lhe Francisco.

FRANCISCO: Divini? O maior de todos os trovadores?

DIVINI: O menor de todos, Francisco. Um derrotado na vaidade da minha arte. Minhas palavras atraem aplausos e risos, mas elas só tocam na superfície. Quero a profundidade deste teu mar.

FRANCISCO: Quando eu era menino em Assis, sonhava em ser como você. Com este poder de trabalhar a palavra e o verso eu levaria todos a entenderem o que quero dizer, que Deus mora em meu coração.

DIVINI: O que eu consegui na vida foi apenas uma forma de chegar até o meu semelhante. Não, jamais eu saberia dizer de Deus de forma tão profunda quanto você, Francisco.

FRANCISCO: Com sua arte todos se emocionariam ao ouvir-me dizer que vejo Deus dentro de mim como uma pequena criança que me sorri. E quando sofro, quando dói alguma coisa no meu corpo – que sempre reflete o que eu penso, porque sou transparente – então esta criança me afaga, passa suavemente os seus dedos em minhas dores e eu fico bem. Esta criança, que é Deus, entra em mim como o ar que eu respiro. Este irmão ar que eu respiro é Deus me acariciando e levando embora todas as dores.

DIVINI: Na minha arte só há forma, belas rimas, belos versos. Muito mais poética e elevada é a simplicidade que ecoa de tuas palavras. Minha poesia é um trovão, não há como não ouvir toda sua magnitude. A tua poesia é como o ar, invisível, mas entra em nós pelos pulmões e banha todas as nossas células.

FRANCISCO: Mas teu cântico emociona a todos.

DIVINI: Uma emoção vazia para agradar cavalheiros e nobres damas. Preciso aprender contigo a tomar a própria vida e fazer dela um poema divino. Toda a fama e coroação que eu gozo por toda a terra não chegará perto jamais desta consonância perfeita do espírito e da alma, coisa que minhas rimas nunca conseguiram atingir. Deixa, Francisco, que eu use a minha palavra para veicular a tua. Eu renuncio à coroa que me foi dada em Roma! De que me vale uma coroa se não sei reinar, se não sou um rei? Que eu seja uma palavra para o teu discurso de amor. Eu te seguirei, então, porque minhas belas palavras sem a força e a doçura da tua alma, não são nada. Eu quero essa tua paz, Francisco, dai-me essa paz!

FRANCISCO: Então levanta-se e vem conosco, irmão. Estamos indo nos encontrar com o papa, para que aprove a nossa ordem.

(Divini levanta-se, despe-se de suas vestes e veste o burel)

CENA 15: O SANTO IRMÃO

BERNARDO: Chegamos. E será que todos estes guardas nos deixarão entrar?

FRANCISCO: Só saberemos se tentarmos. Vamos!

PEDRO: Entramos. Parece mesmo inacreditável que estamos dentro.

FRANCISCO: Gostaria de ter com o Papa.

GUARDA: O papa Inocêncio não pode atender-lhes. Peço que retornem amanhã.

FRANCISCO *(A seus homens)*: Nada temos o que fazer a não ser passar toda a noite em oração. Assim, Cristo estará entre nós.

(Os homens saem e ajoelham-se na frente do palco. Enquanto isso, acontece o sonho do papa. È uma cena cheia de riqueza e beleza. Um cortejo onde o papa e o seu séquito sobem uma escadaria. A escada começa a tremer e o papa cai lá de cima. No sonho, Francisco o socorre, coloca-o no chão, se olham e o séquito desaparece em cortejo)

EGÍDIO: Acordamos. É hora de tentarmos entrar na Santa Igreja novamente.

FRANCISCO: Caro Papa Inocêncio, gostaria de ler a lei da minha ordem, mas diante de vós me calo. E só me ocorre pedir a benção para levar aos homens a palavra de Cristo.

PAPA INOCÊNCIO: Falas de maneira simples, Francisco. Não tem posses, como poderá sustentar os teus homens?

FRANCISCO: Se o Pai nos prometeu a felicidade celeste, não nos negará um lugar para dormir aqui na Terra.

PAPA INOCÊNCIO: E os outros que virão, Francisco, conseguirão viver como tu?

FRANCISCO: Se tivermos posses, precisaremos de armas para defender nossas riquezas. Não queremos nenhum tipo de guerra.

PAPA INOCENCIO: Correto. Mas aqueles que seguirão a tua ordem terão a mesma devoção que tens?

FRANCISCO: Aqui somos 12 que seguem a santa palavra. Em breve, serão muitos, papa Inocêncio. Se todos chegarem com o coração, nada nos faltará.

PAPA INOCÊNCIO: E não tens medo? Como é viver esta vida e não sentir medo?

FRANCISCO: Não penso no medo, não penso no que vou comer amanhã. Estou aqui, agora, com o Senhor. E nada mais me importa a não ser o que vivo agora.

PAPA INOCÊNCIO: Eu já estou velho. E ontem sonhei que minha igreja caía. Um homem vestido como tu me salvou. (*Surpreso*) Era tu, Francisco, era tu.

FRANCISCO: Não, meu senhor, não salvei ninguém. Ninguém pode salvar a não ser a si mesmo.

PAPA INOCÊNCIO: O que queres de mim, meu filho? Que me dizes sobre tua regra?

FRANCISCO (*Canta*):

“Diante do crucifixo, me fixo

Ao teu coração, minha saudação

Minha castidade,

Minha obediência,

Minha verdade

Diante do crucifixo, me fixo

Ao teu coração, minha canção”

PAPA INOCÊNCIO: Francisco, você louva Cristo cantando como os pássaros. Cristo gostaria disso. Eu descobri a minha vocação muito cedo. Era um entusiasmado. Mas o tempo e as dificuldades me cansaram, o que é uma grande pena. E ao ver você, eu me regozijo e sinto novamente alegria. Sabe o que significa entusiasmo, Francisco? Estar cheio de deus. Que você seja este sol sempre cheio de entusiasmo. Com este teu som.

FRANCISCO: Eu não sei o que acontecerá à ordem, mas eu sou perseverante. Em todo lugar que eu chegar, haverá ao menos um que ouvirá o meu canto. Batendo uma mão na outra, faz-se um som. Qual o som de uma mão apenas, Santo Padre?

PAPA INOCÊNCIO: Não sei a resposta, meu filho. Mas a idéia da resposta me toca profundamente a alma. O que intuímos também nos emociona. Que Jesus Cristo esteja

com vocês e que nunca falte as respostas, Francisco. Pode ir com os seus. Tens a minha bênção. *(E ajoelha-se diante de Francisco, que desce ao seu encontro)*

CENA 16: A IRMÃ DOR

BERNARDO: Salve, Francisco! Francisco voltou, Francisco voltou.

FRANCISCO *(Olhando ao redor e vendo vários objetos de ouro e prata, diz para todos os frades)*: De onde vem toda esta riqueza? Esta não é a casa que deixei. Caminhei o mundo inteiro e só pensava em retornar para a nossa humilde morada. E o que vejo aqui?

ELIAS: Desde que você partiu, tive que modificar as regras, para que a ordem continuasse estabelecida. Os irmãos não queriam mais ser pedintes, Francisco.

BERNARDO: Você ainda é nosso guia, Francisco, nunca deixou de sê-lo.

FRANCISCO: E você, Irmão Elias? O que sente em seu coração?

ELIAS: Que o mundo muda e devemos seguir em busca do progresso.

FRANCISCO: Não tenho memória de quando o progresso trouxe algum bem verdadeiro às pessoas. As nações ficam ricas e quem é que possui os bens? O povo? Não. Uma ou duas pessoas desta nação permanece rica onde todo o resto permanece pobre. A lei que você modificou não era minha, Elias. Eu seria incapaz de criar tal lei sozinho. A lei que você modificou quando trouxe o ouro para esta casa foi a lei de Cristo.

ELIAS: Francisco, pensei o melhor para todos. Eis as novas regras.

(Francisco tenta ler, mas tem dificuldade)

FRANCISCO: Não consigo ler, é como se meus olhos não quisessem enxergar estas palavras.

ELIAS: Essa é a nova regra. E nossos irmãos a seguirão. Haverá menos dor se você estiver do nosso lado, Francisco.

FRANCISCO: Quando encontramos com Deus, nem sempre é suave e delicado. Pode ser brusco, de um sofrimento comprido. Jesus, em Jetsemani, sangrou pelos poros ao prever a

dor. Um encontro com Deus dói de tão grande que ele é. E dói para que a gente suporte a maravilha que acontece depois. A dor é um passo, um passo para o infinito.

ELIAS: É sua palavra final?

FRANCISCO: Sim. Não dormirei aqui nesta casa que não reconheço. Vou dormir numa cabana, numa caverna. Ou sob o dossel do céu. Lá terei a companhia das estrelas, minhas irmãs, que também já foram suas irmãs. Bernardo! Junípero! Silvestre! Irmãos, acompanhem-me que quase já não enxergo.

BERNARDO: Irei contigo, Francisco.

ELIAS: Viajaste durante muitos dias. Deve estar faminto.

FRANCISCO: O alimento que eu desejava encontrar era outro. Tenho aqui comigo uns pães que recolhi no caminho. Bernardo! Me ajude a entregar a alguns homens que vejo diante de mim. Já não enxergo, Bernardo. Não sei se são pobres ou não, não posso ver suas vestimentas, mas qual é esse homem, meu irmão, que não sofre por algo, que não precise de um alívio para sua dor neste mundo de urgência e desespero? *(E distribui pequenos e deliciosos pãezinhos ao público, dirigindo-se a ele)*. Receba este pão, meu irmão, como um desejo no seu coração!

CENA 17: O IRMÃO CRISTO

(No palco, surge Clara, Bernardo sai da cena. É uma cena escura, que vemos sob um véu. Assim como Francisco, que está quase cego, o público também se confunde com a visão do anjo que está em cima da escada, com sete asas gigantes. O anjo fala através de duas vozes simultâneas, uma voz feminina e outra masculina. A voz feminina do anjo é da atriz que interpreta Clara)

FRANCISCO: Quem vem do Norte?

CLARA: Sou eu, Francisco. Irmã Clara.

ANJO: Sou eu, Francisco, o anjo.

CLARA: Porque nunca mais foi me ver?

ANJO: Vim fazer-te uma visita.

FRANCISCO: Tua chegada foi prevista pelos meus irmãos.

CLARA: Nesta caverna escura, ficará cada vez mais cego, Francisco.

ANJO: Eu sou o sol, Francisco. Venho te trazer a luz.

FRANCISCO: Seria tudo escuro se não houvesse o sol. O sol me basta. Posso não te enxergar, Clara e ainda tenho a vida. Mas quando eu deixar de sentir o sol na minha pele, não estarei mais aqui.

ANJO: Venho trazer o sangue para tua pele.

CLARA: E para que tanta solidão? Pode sentir o sol perto dos teus companheiros.

FRANCISCO: Quem tem Cristo consigo, Clara, nunca esta só.

CLARA: Sim, está correto.

ANJO: Sim, está correto.

FRANCISCO: Na escuridão, brilha um outro tipo de luz. Uma luz que vem de dentro. Eu acho que não sei mais viver entre os homens, Clara. Talvez minha morte se aproxime, não sei. Não estou sozinho, Clara: ouço vozes. Elas me balbuciam palavras.

ANJO: Luz! Luz!

CLARA: Você plantou belas sementes. Os frutos estão espalhados no mundo. E alimentando a quem precisa, Francisco.

ANJO *(canta)*:

“Tua arma é a cruz

O escudo, tua alma

A palavra , a espada

E a luz.”

FRANCISCO: As vozes que falaram comigo a vida inteira serão vozes de Deus? Ou ouço a minha própria voz?

CLARA: O que eu posso lhe responder? Tenho gratidão por tudo o que você falou para mim a vida inteira. Sua voz será a voz de um Deus?

ANJO: Francisco, sentirá nas veias o amor de Cristo.

CLARA: Adeus, Francisco. Durma com os anjos!

ANJO: Adeus, Francisco. Durma sob a lua!

ANJO: O meu abraço, Irmão Francisco.

CLARA: O meu abraço, Irmão Francisco.

(Clara e o anjo se ausentam. Francisco abre os braços, tira a roupa, enquanto os outros atores vão colocando sangue como se fossem chagas nas suas mãos, nos pés e no coração).

FRANCISCO: Meu pai, meu senhor, tuas dores foram infinitamente maiores que as minhas. Agora talvez eu possa ir no mais profundo desta dor e entender todo o universo. Essa dor dilacera o meu coração porque é uma dor que vem de mim, dos meus erros, vem dos homens, dos erros dos homens, é a dor, meu pai, é toda a humanidade. Fiquei cego para ver mais por dentro. Tenho as marcas para que todos possam ver como pulsa o meu sangue, como pulsa o teu sangue, meu pai.

ATRIZ MÃE: Assim Francisco recebe os estigmas, com amor, através de um anjo. Muitos não acreditaram nos cinco pontos que derramavam sangue do seu corpo.

Muitos também, até hoje, não acreditam em Cristo. Parece que só conseguimos acreditar naquilo que vemos.

ATOR PAI: Assim também é o teatro, um lugar para se ver. O mundo é um grande teatro profano. O teatro é um grande mundo santo. Quando nos despedirmos de vocês neste palco, deixaremos de existir, mesmo que tenham acreditado em nós. Aparecemos aqui, todos os dias, como anjos, caídos de um céu qualquer. E quando vamos embora do palco, o que queremos é deixar firmada a nossa arte na eternidade.

CENA 18: O IRMÃO SOL

FRANCISCO: Meu pai, já não vejo o sol. Sinto-o perto de mim, em cada pedaço da minha pele e o louvo a cada manhã. Sinto que os meus poros transpiram o seu calor, mas já não o vejo. Na verdade, estamos todos cegos. E sem você, Irmão Sol, haveria trevas nos olhos e no espírito. Meu pai, porque me fez cego dos olhos? Para que eu veja ainda mais com o coração? Meus irmãos, o corpo já não resiste. Quero morrer da mesma forma que passei toda a vida, pregando o amor. Quem me acompanha no meu Cântico ao Sol?

(Todos murmuram o cântico, que soa como uma prece cheia de sentimento e quase inaudível)

O Cântico ao Sol

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória, a honra
E toda a bênção.

Só a ti, Altíssimo, são devidos;
E homem algum é digno
De te mencionar.

Louvado sejas, meu Senhor,
Com todas as tuas criaturas,
Especialmente o senhor Irmão Sol,
que clareia o dia
E com sua luz nos alumia.

E ele é belo e radiante
Com grande esplendor:
De ti Altíssimo, é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pela Irmã Lua e as Estrelas,

Que no céu formaste claras
E preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo Irmão Vento,
Pelo ar, ou nublado
Ou sereno, e todo o tempo,
Pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvado sejas, meu Senhor
Pela Irmã Água,
Que é mui útil e humilde
E preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo Irmão Fogo
Pelo qual iluminas a noite.
E ele é belo e jucundo
E vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa Irmã a Mãe Terra,
Que nos sustenta e governa,
E produz frutos diversos
E coloridas flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelos que perdoam por teu amor,
E suportam enfermidades e tribulações.

Bem-aventurados os que as sustentam em paz,
Que por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor,

Por nossa Irmã a Morte corporal,
Da qual homem algum pode escapar.

Ai dos que morrerem em pecado mortal!
Felizes os que ela achar
Conformes à tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda não lhes fará mal!

Louvai e bendizei a meu Senhor,
E dai-lhe graças,
E servi-o com grande humildade.

CENA 19: IRMÃ MORTE

(Francisco sobe a escada em direção ao sol, abre os braços e cai de costas nos braços dos irmãos. Todos os outros o amparam e o carregam em cortejo)

FRANCISCO: Subi até a mais alta das graças, e como mendigo, recebi pão e belas palavras de presente, fui abençoado com as chagas e agora quero morrer no chão, meus irmãos, para chegar de mansinho na casa do Senhor. Não chorem, estou feliz em partir, meus irmãos, estou morrendo para a vida eterna. Eu subi as sete escadas, sem cordas para segurar. Apenas com os três nós do meu burel. E o que vejo agora é um altar. È um anjo, é um deus, é uma criança, não sei. De lá, ouço uma voz que me diz: é preciso sempre amar um pouco mais, Francisco. Apenas amar, amar, amar.

15 de outubro de 2009